As mudanças nas condições de trabalho e a ocorrência de TMC e estresse em servidores de uma IES da Bahia durante a pandemia
Changes in working conditions and occurrence of CMD and stress in servers of an HEI in Bahia during the pandemic

Ana Vitória Lima Ferreira^{1*}, Denize Pereira de Azevêdo ¹, Edson Leão dos Santos ², Tâmara Verdino Moraes Assunção ³

RESUMO

Este trabalho visa analisar ocorrência de TMC e estresse em servidores técnicos-administrativos da Universidade Estadual de Feira de Santana, em regime de trabalho home office em virtude da pandemia da Covid-19. Trata-se de um estudo epidemiológico de corte transversal, realizado de forma online, cujos instrumentos de coleta de dados foram um questionário sociodemográfico, o Inventário de Sintomas de Estresse para Adultos (ISSL) e o questionário para identificação de Sintomas Psiquiátricos Não-Psicóticos (SQR20). A análise estatística identificou que, entre os 143 servidores que aceitaram participar da pesquisa, 55,2% manifestaram TMC, e 55,9% manifestaram estresse. Além disso, os dados demonstraram associação estatisticamente significativa ($p < 0,05$) entre a ocorrência de TMC e estresse e as variáveis sexo feminino (61,4%) e a faixa etária abaixo dos 50 anos de idade (60,9%) ($p\text{-valor} = 0,001$). Desta forma, os dados demonstraram um elevado índice de sofrimento psíquico entre os servidores, o que indica a necessidade de intervenções por parte da universidade, no intuito de minimizar os impactos das mudanças nas condições de trabalho geradas pela pandemia.

Palavras-chave: Saúde do Trabalhador; Saúde Mental; Condições de Trabalho; Covid-19.

ABSTRACT

This work aims to analyze the occurrence of CMD and stress in technical-administrative workers at the State University of Feira de Santana, in a home office work regime. This is a cross-sectional epidemiological study, conducted online, whose data collection instruments were a sociodemographic questionnaire, the Stress Symptoms Inventory for Adults (ISSL) and the questionnaire for identification of Non-Psychiatric Psychiatric Symptoms. Psychotics (SQR20). The statistical analysis identified that, among the 143 servers who agreed to participate in the research, 55.2% manifested CMD, and 55.9% manifested stress. In addition, the data showed a statistically significant association between the occurrence of CMD and stress and the variables female gender (61.4%) and the age group below 50 years of age (60.9%) ($p\text{-value} = 0.001$). So, the data showed a high rate of psychological distress among servers, which indicates the need for interventions by the university, in order to minimize the impacts of changes in working conditions generated by the pandemic.

Keywords: Occupational Health; Mental Health; Working Conditions; Covid-19.

¹ Universidade Estadual de Feira de Santana.
*E-mail: anavitoriapsicologia@gmail.com

INTRODUÇÃO

Discutir os determinantes da saúde mental, atualmente, é ir além dos aspectos emocionais do sujeito e pensar fatores como moradia, alimentação, acesso a serviços de saúde, educação, lazer, renda e trabalho (OMS, 2002).

O trabalho consiste na condição básica para a vida humana, o instrumento pelo qual o homem transforma a sua realidade, que permeia todos os níveis de sua atividade (JACQUES, 2011; LANDIM et al, 2017; NEVES et al, 2018), e, como tal, exerce influência no processo saúde/doença (JACQUES, 2003). Isso o torna, de acordo com Codo e Jacques (2011), um campo de estudo essencial, mas também um problema de pesquisa difícil, já que os sintomas podem se esconder por todos os âmbitos da vida do sujeito.

No entanto, embora não seja fácil estabelecer umnexo causal entre saúde/doença e trabalho (JACQUES, 2007; RABELO; SILVA; LIMA, 2018), estudos apontam que condições inadequadas de trabalho impactam de forma negativa na saúde mental e física dos trabalhadores, constituindo-se como um importante fator de risco para o desenvolvimento de Transtornos Mentais Comuns (TMC) e estresse (ARAÚJO; PINHO; ALMEIDA, 2005; PEREIRA et al, 2017; CAMPOS et al, 2020).

Nesse sentido, fatores como pouca valorização, participação insatisfatória nas decisões do trabalho, demandas laborais excessivas, horários em turnos, baixos salários, complexidade do trabalho, ausência de lazer, condições indesejáveis, dentre outros, podem ser considerados fatores de risco para o desenvolvimento de tais transtornos (ARAÚJO; PINHO; ALMEIDA, 2005; SADIR; BIGNOTO; LIPP, 2010; FARIAS; ARAÚJO, 2011; RABELO; SILVA; LIMA, 2018).

No que tange aos servidores públicos universitários, é importante salientar ainda que acrescidos a esses fatores os trabalhadores também vêm enfrentando um processo de adaptação a um novo regime de trabalho, o *home office*, um dos frutos da pandemia da Covid-19 que, segundo Araújo e Lua (2021), transformou a casa em um espaço público, exigindo dos trabalhadores provisão de equipamentos eletrônicos e capacidade para operá-los, espaço adequado para execução de suas funções, além de submetê-los a jornadas de trabalho sem limites de tempo.

No que tange aos TMC, esses designam sintomas psiquiátricos não-psicóticos, tais como, sintomas depressivos, psicossomáticos e de ansiedade, que, embora não preencham os critérios formais de diagnóstico do DSM-V (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) e do CID-10 (Classificação Internacional de Doenças), para ansiedade ou depressão, podem desencadear incapacidade funcional ou ruptura do funcionamento normal, comparável ou até pior que os quadros crônicos bem estabelecidos (ARAÚJO; PINHO; ALMEIDA, 2005; AZEVÊDO, 2017; LEITE et al, 2017; SOARES; MEUCCI, 2020). É importante salientar que os principais sintomas dos TMC são insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração

e queixas somáticas (ARAÚJO; PINHO; ALMEIDA, 2005; AZEVÊDO, 2017; LEITE et al, 2017; SOARES; MEUCCI, 2020).

O estresse, por sua vez, pode ser definido como uma reação do organismo, que envolve tanto aspectos físicos quanto psicológicos, frente a situações encaradas como um risco à integridade do organismo, o qual exige respostas de adaptação (GOULART JUNIOR; LIPP, 2008; SADIR; BIGNOTO; LIPP, 2010; AZEVÊDO, 2017).

Nessa perspectiva, Hans Selye, um dos estudiosos pioneiros na área, propôs um modelo trifásico de evolução do estresse, no qual a primeira fase, denominada de alarme, tem início quando o indivíduo se depara com o agente estressor e o organismo se prepara para emitir respostas de luta ou fuga; quando o estressor é de grande intensidade ou de longa duração, o organismo tenta reestabelecer sua homeostase utilizando sua reserva de energia, dando início à fase de resistência; caso o estressor exija do organismo maior capacidade adaptativa do que ele dispõe ou surgirem outras situações estressoras concomitantes, o indivíduo entra em fase de exaustão (GOULART JUNIOR; LIPP, 2008; SADIR; BIGNOTO; LIPP, 2010; FIGUEIRAS; HIPPERT, 2011; AZEVÊDO, 2017).

Contudo, a estudiosa Marilda Lipp (2000), ao validar o Inventário de Sintomas de Stress para Adultos (ISSSL), identificou a existência de uma fase entre a resistência e a exaustão, a qual denominou de quase exaustão que, segundo ela, compreende o período em que o sujeito já não possui reservas de energia para resistir, mas ainda não entrou em fase de exaustão (LIPP, 2000; GOULART JUNIOR; LIPP, 2008; SADIR; BIGNOTO; LIPP, 2010; AZEVÊDO, 2017).

Assim, tendo em vista a relevância dos estudos nessa área, os quais contribuem não só para o estabelecimento do nexo causal entre saúde/doença mental e trabalho, mas também para o avançar na elaboração de medidas preventivas (LIMA, 2015), este trabalho se propõe a analisar ocorrência de TMC e estresse em servidores técnicos administrativos da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), em regime de trabalho *home office*.

MÉTODO

Trata-se de um estudo epidemiológico de corte transversal cuja amostra são os servidores técnicos administrativos da Universidade Estadual de Feira de Santana. É importante ressaltar, que as pesquisas epidemiológicas visam explicar, descrever e prever a frequência e a distribuição, bem como, controlar a ocorrência de doenças, eventos ou padrões de saúde em populações específicas (BLOCH; COUTINHO, 2008).

Instrumentos

Como instrumentos de coleta foram utilizados o questionário sociodemográfico contendo, para além de perguntas sobre as características pessoais, socioeconômicas e relações com a família e amigos, questões a respeito das condições de trabalho em regime *home office*.

Além disso, foram aplicados o ISSL, Inventário de Sintomas de Estresse para Adultos, que tem como objetivo identificar a) existência de estresse, b) fase específica do estresse e c) prevalência de sintomas físicos ou psicológicos e, apresenta três quadros referentes às fases do estresse (LIPP, 2000; AZEVÊDO, 2017). E o questionário para identificação de Sintomas Psiquiátricos Não-Psicóticos- SQR20, o qual consiste em um instrumento autoaplicável, cujas respostas são sempre sim/não e que se destina à detecção de sintomas, sugerindo a presença ou ausência de algum transtorno mental, no entanto, não discrimina um diagnóstico específico (AZEVEDO, 2017).

Amostra

O estudo foi realizado com 143 servidores sendo 42 homens e 101 mulheres, com idades entre 23 e 65 anos, dentre os quais, 139 estavam atuando em regime home office.

Aspectos Éticos

É importante salientar que a pesquisa recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos sob número de parecer 1.437.801 e CAAE 44009814.2.0000.0115. Além disso, os participantes foram informados sobre os trâmites da pesquisa através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e deram seu consentimento online antes de responder aos questionários.

Análise dos dados

A análise dos dados se deu nas seguintes etapas: a) análise descritiva das variáveis em estudo; b) análise bivariada das possíveis associações entre estresse TMC e fatores associados. Além disso, os dados foram digitados, processados e classificados eletronicamente através do programa SPSS 9.0 para Windows.

RESULTADOS

Aceitaram participar da pesquisa 143 servidores, sendo predominante o público feminino, que compôs 70,6% da amostra (101). Com relação à idade, 9,15% apresentaram idades abaixo de 30 anos, 32,40% entre 30 e 39, 35,91% entre 40 e 49, 18,31% entre 50 e 59 e 4,22% entre 60 e 69 anos.

Além disso, quanto à escolaridade, 2,1% (3) da amostra tinha apenas o ensino médio completo, 6,3% (9) o superior incompleto, 22,4% (32) o superior completo, 37,1% (53) já possuíam especialização, 25,9% (37) mestrado e 6,3% (9) doutorado ou mais.

Por fim, no que tange ao estado conjugal, 37,1% (53) da amostra se declarou solteira(o), 55,2% (79) casada(o), 6,3% (9) divorciada(o) e 1,4% (2) viúva(o).

Com relação à ocorrência de TMC e estresse na população em estudo, os dados demonstraram que 55,2% (79) da amostra apresentou sintomas de TMC e 55,9% (80) apresentou estresse, sendo 53,8% (77) em fase de resistência.

Tabela 01 - Prevalências de TMC e Estresse em servidores técnicos administrativos IES município de Feira de Santana, BA, 2021.

Variáveis	N	%
TMC		
Sim	79	55,2
Não	64	44,8
Estresse		
Sim	80	55,9
Não	63	44,1

Fase Alerta

Sim	2	1,4
-----	---	-----

Não	141	98,6
-----	-----	------

Fase Resistência

Sim	77	53,8
-----	----	------

Não	66	46,2
-----	----	------

Fase Exaustão

Sim	1	0,7
-----	---	-----

Não	142	99,3
-----	-----	------

Fonte: Autores da pesquisa, 2021.

Observou-se associação estatisticamente significativa entre a ocorrência de TMC e sexo feminino (p-valor = 0,001) assim como, entre TMC e a faixa etária abaixo dos 50 anos de idade (p-valor = 0,001).

Tabela 02 – Análise bivariada – TMC e características sociodemográficas em servidores técnicos administrativos IES município de Feira de Santana, BA, 2021.

Variáveis	N	n	%	RP	IC 95%	p-valor
Gênero						
Feminino	101	62	61,4	1,52	1,30-1,77	<0,001
Masculino	42	17	40,5	1,00	-	-
Faixa etária						
Abaixo de 50 anos	110	67	60,9	1,62	1,40-1,89	<0,001
50 anos ou mais	32	12	37,5	1,00	-	-

Fonte: Autores da pesquisa, 2021.

Semelhantemente, dentre as características sociodemográficas, verificou-se associação estatisticamente significante entre estresse e sexo feminino (p-valor = 0,001) e idade abaixo dos 50 anos (p-valor = 0,001).

Tabela 03 – Análise bivariada – Estresse (sim/não) e características sociodemográficas em servidores técnicos administrativos IES município de Feira de Santana, BA, 2021.

Variáveis	N	n	%	RP	IC 95%	p-valor
Gênero						
Feminino	101	62	61,4	1,43	1,23-1,67	<0,001
Masculino	42	18	42,9	1,00	-	-
Faixa etária						
Abaixo de 50 anos	110	67	60,9	1,50	1,29-1,74	<0,001
50 anos ou mais	32	13	40,6	1,00	-	-

Fonte: Autores da pesquisa, 2021.

DISCUSSÃO

Até pouco tempo atrás o trabalho não era sequer considerado um determinante em saúde (CODÓ; JACQUES, 2011), no entanto, os aspectos tangentes à saúde mental e trabalho têm ganhado relevância nos últimos tempos, em especial, pelos elevados índices de sofrimento psíquico nas organizações (FARIAS; ARAÚJO, 2011), que, segundo Codo e Jacques (2011), se constituem como um dos principais causadores de afastamento no trabalho, o que atesta a importância dos estudos na área.

No caso da presente pesquisa, em que os dados foram coletados durante o contexto de pandemia da Covid-19 em que ocorreram mudanças significativas nas condições de trabalho dos servidores técnicos-administrativos da universidade, investigar os impactos dessas mudanças na saúde mental desses trabalhadores se mostrou ainda mais importante.

Quanto às descobertas, os dados demonstraram que, 55,2% da amostra manifestou TMC, percentual consideravelmente superior quando comparado a outras pesquisas (FARIAS; ARAÚJO, 2011; ALARCON; GUIMARÃES, 2016; AZEVÊDO, 2017; MOTA; SILVA;

AMORIM, 2020) e levando em consideração que a prevalência de TMC no Brasil varia entre 23,2 e 35% (ALARCON; GUIMARÃES, 2016; MOTA; SILVA; AMORIM, 2020).

Esse elevado percentual, pode estar relacionado ao contexto no qual a pesquisa foi realizada, em que os trabalhadores foram submetidos a um novo regime de trabalho em virtude da pandemia da Covid-19, com alterações no ambiente de trabalho, agora realizado em casa, em sua maioria, sem um espaço adequado e tendo que conciliar a execução das funções com as demais atividades domésticas e familiares (ARAÚJO; LUA, 2021). Isso somado à conjuntura geral do país, o qual vinha enfrentando uma crise política, sanitária e econômica.

O presente estudo apresentou também associação estatisticamente significativa para TMC e o sexo feminino (61,4%), corroborando com os estudos de Alarcon e Guimarães (2016), Mota, Silva e Amorim (2020) e Farias e Araújo (2011), os quais apresentaram 23,6%, 44% e 36,6% de TMC em mulheres, respectivamente.

De acordo com as pesquisas na área, isso se deve ao fato das mulheres trabalhadoras ainda serem as principais responsáveis pelo trabalho doméstico e pelos cuidados com a família (ARAÚJO; PINHO; ALMEIDA, 2005; FARIAS; ARAÚJO, 2011; MOTA; SILVA; AMORIM, 2020), desempenhando, muitas vezes, papéis simultâneos de esposa, trabalhadora, mulher e mãe (FARIAS; ARAÚJO, 2011). É importante salientar um aspecto importante levantado por Araújo, Pinho e Almeida (2005), que, embora as atividades domésticas acarretem em tensões e sensação de sobrecarga, ela ainda é desvalorizada, invisibilizada e considerada por muitos como um não-trabalho.

Além disso, os dados apontaram também que os servidores com idades abaixo de 50 anos manifestaram maior prevalência de TMC (60,9%), aspecto ratificado por Alarcon e Guimarães (2016), os quais afirmaram que há uma relação inversamente proporcional entre faixa etária e a ocorrência de TMC, ou seja, quanto maior a idade menor a prevalência.

Semelhantemente, a pesquisa realizada por Azevêdo (2017), cujo público alvo foram os servidores docentes da Universidade Estadual de Feira de Santana, apontou que a faixa etária abaixo dos 30 anos apresentou maior prevalência de TMC (50,0%), que, segundo a autora, se deve ao amadurecimento na carreira acadêmica, o qual proporciona aquisição de maior confiança em sua prática e pode levar a um maior equilíbrio mental.

Outrossim, os dados apontaram também que 55,9% da amostra manifestou estresse, sendo 53,8% em fase de resistência. Percentual elevado quando comparado à pesquisa de Azevêdo (2017), em que 24% (n= 40) da amostra manifestou estresse, dentre os quais 87,5% se encontravam em fase de resistência.

É muito importante identificar não apenas a ocorrência ou não do estresse, mas também a fase em que os indivíduos se encontram, para que intervenções adequadas sejam pensadas (AZEVEDO, 2017). No caso da presente pesquisa, a maior parte da amostra se encontra em fase de resistência, a qual ocorre quando o indivíduo precisa utilizar suas reservas de energia para lidar

com um agente estressor de grande intensidade e/ou longa duração, na tentativa de reestabelecer a homeostase (GOULART JUNIOR; LIPP, 2008; SADIR; BIGNOTO; LIPP, 2010; FIGUEIRAS; HIPPERT, 2011; AZEVÊDO, 2017).

Diante disso, Azevêdo (2017) aponta que o fato de estar em fase resistência significa que a realização de intervenções adequadas podem contribuir para o alívio dos sintomas. É importante salientar, que a permanência nessa fase por um longo tempo pode intensificar a manifestação sintomática (quase exaustão) levando à exaustão (GOULART JUNIOR; LIPP, 2008; SADIR; BIGNOTO; LIPP, 2010; FIGUEIRAS; HIPPERT, 2011; AZEVÊDO, 2017).

Ademais, verificou-se associação estatisticamente significativa ($p < 0,05$) entre estresse e sexo feminino e a faixa etária abaixo dos 50 anos de idade, à vista disso, eleva-se em 1,43 e 1,50 vezes, respectivamente, a probabilidade de ocorrência de estresse nesses grupos, índices que, também, corroboram com o estudo de Azevêdo (2017) realizado na mesma instituição de ensino superior pública. E esses índices, assim como os de prevalência de TMC, podem ser relacionados, respectivamente, à sobrecarga de trabalho e de exigências sociais impostas às mulheres (ARAÚJO; PINHO; ALMEIDA, 2005; FARIAS; ARAÚJO, 2011) e ao baixo repertório comportamental para lidar com determinadas situações estressoras dentro do ambiente de trabalho, que com os anos de experiência aos poucos é adquirido (AZEVEDO, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a prevalência de TMC e estresse nos servidores técnicos administrativos da universidade mostrou-se uma tarefa importante, não apenas por se tratar de um público ainda pouco investigado, mas por possibilitar dimensionar os impactos das mudanças nas condições de trabalho geradas pela pandemia, na saúde mental desses profissionais.

De acordo com os dados apresentados, um percentual bastante significativo da amostra apresentou TMC (55,2%) e estresse (55,9%), com associação estatisticamente significativa ($p < 0,05$) entre as variáveis em estudo e a faixa etária abaixo dos 50 anos de idade e o sexo feminino, o que corroborou com outros estudos na área. No entanto, esses altos índices, podem estar relacionados às dificuldades de adaptação às condições de trabalho em regime *home office*.

Entretanto, não se pode descartar que por se tratar de um estudo de corte transversal, este tem algumas limitações, como o recorte temporal em que foi realizado e, em se tratando de saúde, outras variáveis podem interferir, uma vez que são inúmeros os fatores que lhe são determinantes. Assim, não se deve atribuir o estado de saúde mental dos participantes desta pesquisa apenas às variáveis estudadas.

Mas, mesmo diante das limitações, os dados obtidos a partir deste estudo contribuem para dimensionar o sofrimento psíquico a que os servidores estão submetidos nesse contexto de

trabalho remoto. E esses resultados indicam a necessidade de uma intervenção por parte da instituição com vistas a melhorar as condições de trabalho desses profissionais.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, T. M.; LUIZ, I. **O trabalho mudou-se para casa: trabalho remoto no contexto da pandemia de Covid-19**. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional. 2021. Acesso em 29 de junho de 2021. 46; p. 1-11. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/LQnfJLrjgrSDKkTNyVfgnQy/?lang=pt>
- ARAÚJO, T. M.; PINHO, O. S.; ALMEIDA, M. M. G. **Prevalência de transtornos mentais comuns em mulheres e sua relação com as características sociodemográficas e o trabalho doméstico**. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil. Setembro de 2005. Acesso em: 26 de junho de 2021. 5 (3). p. 337-48. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/6vSkSdfMXfDsWj9q9RFymcd/?lang=pt>.
- AZEVEDO, D. P. **Atividades Físicas no tempo de lazer, Transtornos Mentais Comuns e estresse em docentes de uma instituição de ensino superior pública da Bahia** (tese). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2017.
- BLOCH, K. V.; COUTINHO, E. S. F. Fundamentos da pesquisa epidemiológica. In: MEDRONHO, R. A.; BLOCH, K. V.; LUIZ, R. R.; WERNECK, G. L. **Epidemiologia**. 2ª ed. Atheneu; 2008; p. 173-179.
- CAMPOS, F.M.; ARAÚJO, T. M.; VIOLA, D. N.; OLIVEIRA, P. C. S.; SOUSA, C. C. **Estresse ocupacional e Saúde Mental no trabalho em saúde: desigualdades de gênero e raça**. Cadernos Saúde Coletiva. Dezembro de 2020. Acesso em 28 de junho de 2021. 28 (4); p. 579-589. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/DWdMHvv3Ty8556HXRmcbTDC/?lang=pt>.
- CODO, W.; JACQUES, M. G. Uma urgência, uma busca, uma ética. In: JACQUES M. G.; CODO, W., (orgs). **Saúde Mental e Trabalho: leituras**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2011. p. 17-28.
- FARIAS, M. D.; ARAÚJO, T. M. **Transtornos Mentais Comuns entre trabalhadores da zona urbana de Feira de Santana –BA**. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional. 2011; 36 (123); p. 25-39.
- FIGUEIRAS, J. C.; HIPPERT, M. I. Estresse: possibilidades e limites. In: JACQUES M. G.; CODO, W., (orgs). **Saúde Mental e Trabalho: leituras**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2011. p. 112-129.
- JACQUES, M. G. **Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental e trabalho**. Psicologia e Sociedade. Janeiro de 2003. Acesso em: 20 de junho de 2021. 15 (1); p. 97-116. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/Yg8cBCNzr84C4hVLQrNTzHp/?lang=pt>.

JACQUES, M. G. **O nexso causal em saúde/doença mental no trabalho: uma demanda para a psicologia.** Psicologia e sociedade. Março de 2007. Acesso em: 14 de junho de 2021. 19 (spe); p. 112-119. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/K5n86jFsmCF6PDzLm9bjqk/abstract/?lang=pt>.

JACQUES, M. G. “Doença dos nervos”: uma expressão da relação entre saúde/doença mental. In: JACQUES, M. G.; CODO, W., (orgs). **Saúde Mental e Trabalho: leituras.** 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2011. p. 98-111.

JUNIOR, E. G.; LIPP, M. E. N. **Estresse entre professores do ensino fundamental de escolas públicas estaduais.** Psicologia em Estudo. Dezembro de 2008. Acesso em 29 de junho de 2021. 13 (4); p. 847-57. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/QBScTyq8L8bqRnbMydKYNDJ/abstract/?lang=pt#:~:text=A%20pesquisa%20revelou%20que%2056,pensar%20constantemente%20em%20um%20s%C3%B3>.

LANDIM, J. M. M.; BEZERRA, M. M. M.; ALVES, M. N. T.; MARX, M. **Saúde Mental do Trabalhador no Brasil: questões emergentes.** Revista Multidisciplinar e de Psicologia. Janeiro de 2017. Acesso 29 de junho de 2021; 10 (33); p. 186-197. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/648>.

LEITE, J. F.; DIMENSTEIN, M.; DANTAS, C. B.; SILVA, E. L.; MACEDO, J. P. S.; SOUSA, A. P. Condições de vida, saúde mental e gênero em contextos rurais: um estudo a partir de assentamentos de reforma agrária no nordeste brasileiro. In: PÉREZ-ACOSTA, A. M.; AMAYA, L., editores. **Avances em Psicología Latinoamericana.** Bogotá: Universidad del Rosario. 2017. p. 301-316.

LIMA, M. E. A. **Transtornos mentais e trabalho: o problema do nexso causal.** Rev. Adm. da FEAD. 2015; 2 (1); p. 73-80.

LIPP, M. E. N. **Inventário de sintomas de stress para adultos de Lipp - ISSL.** São Paulo: Casa do Psicólogo; 2000.

NEVES, D. R.; NASCIMENTO, R. P.; JUNIOR, M. S. F.; SILVA, F. A.; ANDRADE R. O. B. **Sentido e significado do trabalho: uma análise dos artigos publicados em periódicos associados à Scientific Periodicals Electronic Library.** FGV EBAPE. Junho de 2018. Acesso em 29 de junho de 2021. 16 (2); p. 318-330. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/ncWvqK58zG8PqZC5ZQCGz9x/?lang=pt>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Relatório Mundial da Saúde: Saúde Mental – nova concepção, nova esperança.** 1ª ed. Lisboa: OMS; 2002.

PARREIRA, B. D. M.; GOULART, B. F.; HAAS, V. J.; SILVA, S. R.; MONTEIRO, J. C. S.; GOMES-SPONHOLZ, F. A. **Transtorno Mental Comum e fatores associados: estudo com mulheres de uma área rural.** Revista da Escola de Enfermagem da USP. Janeiro de 2017. Acesso em 26 de junho de 2021. 51; p. 1-8. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/DZ4LVBDqHLDJP43hPQqnzhv/?lang=en>.

RABELO, L. D. B. C.; SILVA, J. M. A.; LIMA, M. E. A. **Trabalho e adoecimento psicossomático: reflexões sobre o problema do nexso causal.** Psicologia Ciência e

Profissão. Março de 2018. Acesso em 20 de junho de 2021. 38 (1); p. 116-128.
Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pcp/a/RByDHYQXFNN9XbRJXFcqGVm/abstract/?lang=pt>.

SADIR, M. A.; BIGNOTO, M. M.; LIPP, M. E. N. **Stress e qualidade de vida: influência de algumas variáveis pessoais**. Paidéia. Abril de 2010. Acesso em 29 de junho de 2021. 20 (45); p. 73-81. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/paideia/a/ctxdtbWNVN6FFJCFvtGKXJ/abstract/?lang=pt>.

SOARES, P. S. M.; MEUCCI, R. D. **Epidemiologia dos Transtornos Mentais Comuns em mulheres na zona rural do Rio Grande, RS, Brasil**. Ciência e Saúde Coletiva. Agosto de 2020. Acesso em: 28 de junho de 2021. 25 (8); p. 3087-95.
Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/9DDhWprfqGCvkR8Zj8CbFjw/?lang=pt>.

Recebido em: 08/01/2022

Aprovado em: 10/02/2022

Publicado em: 14/02/2022